



PAÇOS DE CONSTANTINOPLA.

Benjamim de Tudele, viajante judeu do duodecimo seculo, descreve em sua relação a cidade de Constantinopla. Poucas linhas consagra aos paços dos imperadores, mas ellas dão um claro testemunho da sua admiração.

Eram á borda da agua aquelles paços, que excitaram o enthusiasmo do escriptor hebreu. Edificados por Manuel Comnéne, fallecido em 1180, excediam pelo primor da architectura, e pela preciosidade dos materiaes, quanto pode imaginar-se. As columnas que decoravam as salas eram cobertas de folhas de ouro ou prata. O throno era porém a peça mais rica, que ali se admirava. A profusão de pedras que o enriqueciam era tal, que o bom do israelita assevera que não se carecia de luz na vasta quadra em que estava collocado!

Cinnamus, historiador grego, que tambem floresceu no duodecimo seculo, confirma em geral as palavras de Benjamim de Tudele.

Eis o que elle diz, segundo o extracto publicado

por Lebeau na *Historia de Baixo Imperio*: « Solue um alto estrado coberto de preciosos tapetes, erguia-se um throno de ouro enriquecido de pedraria, e coroado de um docel, em que brilhavam engastadas as mais bellas perolas do Oriente. O principe, quando se assentava no solio, vestia de esplendida purpura, bordada de alto a baixo de perolas e pedras de diferentes cores. Ao peito trazia, pendente de uma cadeia magnifica, um rubim de grandeza extraordinaria... O diadema era de uma riqueza incrível... Esta sala parecia o palacio do sol.»

A gravura representa o throno d'um imperador de Constantinopla, segundo o desenho encontrado em um manuscrito grego, existente na bibliotheca imperial de Paris, contendo as obras de S. Gregorio Nazianzeno. O throno, cujo desenho vem copiado na estampa, será aquelle a que se referiram Tudele e Cinnamus? Não é facil proval-o. Parece-nos porém que se não for cópia fiel, deve dar uma idéa aproximada d'aquella primorosa peça.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO-VERDE.

Os romances licenciosos. — O jogo e a murmuração, passatempos de Bissau. — George Sand, e Margarida Fuller. — Os jornaes. — O casamento dos papeis. — A lua e os selvagens. — As ruínas. — Hô loló culumbé. — Amor e amor. — O casamento catholico.

Ha bem tempo que isto vae! Ainda as rugas não me tinham cortado o rosto, nem os desgostos, mais ainda que os annos, tinham polvilhado a minha cabeça de sal, mais branco que o Balanta. São passados trinta annos conforme o modo de contar dos brancos. N'esse tempo (1808), quando as trovoadas tinham apenas passado dezouto vezes sobre a xina do bosque sagrado, e que eu fã ligeira e folgazã, ao pôr do sol e ao amanhecer, com as outras bajudes da minha idade, e minhas companheiras, lavar-me nas aguas tão frescas do Pegiquiti, ou banhar-me na praia; e que ali accordavamos os solitarios marabús de sentinella ao rio, ou assustavamos com as estrôndosas gargalhadas que excitavam nossos brincos infantís, os innocentes *sim-siu* e as timidias gazellas, que recolhiam para o seu jazigo: n'esse tempo oh! quanto eu era feliz!

N'um d'esses dias acabava eu de entrar, era já bem noute, em casa de minha mestra (1), quando esta me apresentou uma caixa de licor, e tirando de dentro uma garrafa despejou parte do liquido n'um pequeno calmon (2), que me entregou, dizendo que Ondotó me pedia para *amarrar panno* (3)...

Interrompi-o para lhe dizer que me parecia melhor, mesmo por brevidade, que não fizesse intervir directamente n'esta historia a heroína d'ella.

— Passo a satisfazel-o. Ondotó tinha feito saber á mestra a qual das suas educandas tinha entregado os seus affectos, para que esta solicitasse da mãe da bajude o necessario consentimento, obtido o qual preveniu o pretendente de que podia fazer o seu pedido em forma.

É o que elle fez mandando á mestra a caixa de licor, segundo o costume aqui seguido, que outros substituem por uma caixa de vinho champagne, ou para fallar com mais exactidão, de cidra, que se baptisa com aquelle nome pomposo; e o maior numero, por agua-ardente, genero mais democratico.

Esta noticia, e o presente que a confirmava, encheram de prazer a alma de Kiangi, que assim se chamava a preta antes de se fazer christã. Havia já duas aguas que ella tinha pela primeira vez visto este Ondotó, ainda na primavera da idade, pois tinham somente passado tres sacrificios (4) no ilheu depois de sua *faucam*, e logo lhe pareceu bello na sua còr negra tirando para vermelho, na sua altura como a da papaeira, na elegante conformação do corpo, e na liberdade expressiva de movimentos: o seu porte era magestoso, varonil o rosto e de meiga expressão, os passos firmes e resolutos, mavioso nas palayras, e sobrio na bebida, pois nenhum licor tinha ainda man-

1. As mulheres dos papeis costumam entregar as filhas, ainda em tenra idade, a uma amiga que as cria e educa a seu modo, e d'ali que casam. A esta parenta ou amiga chamam ali mestra.

2. A metade d'uma especie de abobora de cabaca, que os negros ornãam de diversas figuras recortadas, e de que se servem como de vasilhas para comer, beber, tirar agua, etc.

3. Expressão usada em toda a costa, e que significa *tomar mulher*, e tambem *casar*. Aqui é tomado na segunda accepção.

4. Estes sacrificios faziam-se unicamente de dous em dous annos, e com as ceremonias que n'outra occasião direi, quando descrever a minha ilha ao ilheu do Rei. Vê-se por aqui que Ondotó não contava menos de 24, nem mais de 26 annos, n'esta occasião. É a idade commum dos casamentos entre os varões.

chado seus labios. A bajude viu-o, fallou-lhe e amou-o.

E como não amal-o? como não ser por elle amada? ambos jovens, ambos na idade das illusões; quando nem ao menos se suspeita a possibilidade d'esses desgostos, d'esses enojos, d'essas decepções, que a experiencia e o trato dos homens faz conhecer pela duração da vida! E depois, ella sabia que muitas raparigas tinham sido vendidas por seus paes aos negreiros que frequentavam n'outro tempo estas paragens (1); e posto que os seus a estimassem muito, que a contínua convivencia com os brancos lhes tivesse dado um verniz de civilisação, que dava poucas probabilidades a esta venda, um terror secreto que não podia inteiramente subjugar se apoderava d'ella; parecia-lhe que tinha de acabar os seus dias na escravidão longe do seu paiz, e corria além da idéa de *amarrar o panno*, como o unico refugio a este perigo.

Desde que o viu, e lhe fallou pela primeira vez, nunca mais Kiangi safu da cabana sem enfeitar bem o seu cabello, e sem pôr um de seus mais vistosos coqueabás (2), dos que seus paes lhe tinham comprado em Bissau, entretecidos de missangas, e orlados de guizos; porque desejava captivar, enfeitiçar esse que era a realisação de seus sonhos, e que vira tão *rascon* (3) e loução com o seu lopé (4) tinto de almagre, que não havia ninguem que o não admirasse. E Ondotó merecia-o.

A todos os mancebos se avantajava em manejar bem a espingarda e o *manduco* (5); ninguem atirava com mais presteza, nem mais certo; ninguem era mais leve e incansavel na carreira, nem subia com mais agilidade ao cume das palmeiras; ninguem era mais dextro na caça dos periquitos, das gallinhas do matto, e dos *xanxos* e *manés* (macacos), nem mais habil em apanhar vivos os marabús, as gangas e as gazellas; nem finalmente havia quem com mais donaire cavalgasse uma vaca, e a guiasse.

Era bem apessoado, com todos os dotes physicos, e com uma optima indole, e portanto apontado em toda a aldeia, e offerecido á imitação de todos. A pretinha procurava todos os pretextos que pode inventar uma cabeciinha feminil para lhe fallar ao cair da tarde, á hora do banho, ou pela madrugada á da natação. Se ella morria de amores por elle! se ella amava-o como ama um coração virgem ao homem por quem primeiro palpitou!

Quando lhe elle disse que a amava, que a queria para sua mulher, emquanto lhe rebentavam dos olhos lagrimas de alegria, o coração parecia estalar-lhe no peito por ser logar estreito para conter tamanha ventura: tremiam-lhe os labios, offuscaram-se-lhe as vistas, cortou-se-lhe a palayra, e para não cair inanimada por terra, teve de encostar-se a uma de suas amigas. Que se affigure pois qual seria o seu jubilo quando das mãos da mestra tomou o calmon com o licor.

(1) É um direito dos paes este crime da venda dos filhos, que não são mais do que os primeiros dos seus escravos. É notavel que a estes se dá o mesmo nome de *filhos*. Este direito sobre os varões acaba quando se fazem guerreiros, ou tomam *algum outro modo de vida*; e para as femeas quando se lhes *amarra o panno*. O homem pode abandonar a mulher que primeiro tomou, e escolher outra, mas se é para novo casamento, não pode ser bajude, ou associar-lhe outras. É a polygamia successiva (ou divorcio), e a simultanea, um direito dos homens, de que as mulheres tambem participam no seu tanto.

(2) Nome da banda dianteira das bajudes.

(3) Tem diversas significações. Aqui corresponde a elegante, *janota*, etc.

(4) Especie de ceroula de pelle de cabra, ou gazella, currada, com que os homens cobrem os rins.

(5) Arma de pau, grossa do meio para baixo, que tem a mesma serventia das cacheiras, ou mocas n'algumas partes de Portugal.

de que bebeu com soffreguidão um golo, entornando o resto pelo chão em signal de annuencia á proposta de Ondotó!

No fim da lua (um mez) conduziram os escravos de Ondotó á cabana da mestra de Kiangi um grande presente de cabras e caça, agua-ardente, fructas, vinho de palma, leite dormido (azedo), cuscús, arroz, e lenha (1) para o costumado banquete dos esposas, ao qual foram convidados todos os parentes da noiva; e n'essa occasião se lhes participou o futuro casamento, que festejaram muito e applaudiram com ruidosa alegria, como uma boa fortuna, cantando e dançando até alta noite ao estrondo dos *bombolons*, e *lingueirões* (2); porque a rapariga era de todos estimada, e bemquista pela sua belleza, modestia e docilidade; e o rapaz era conhecido e geralmente apreciado pela sua valentia, e outros dotes, pelo sangue real que lhe girava nas veias, e pela *abastança* de seus paes, que eram senhores de muitos escravos, e possuíam muitas vacas, porcos, e grande quantidade de pannos, etc.

Passaram-se depois ainda cinco luas antes de chegar o dia tão ardentemente desejado, o dia do consorcio. As trovoadas, com o seu acompanhamento de chuvas diluvianas, de violentos furacões, e d'estrágos, não permittiram que se empregasse o tempo n'outra cousa mais que os trabalhos da cultura nos campos, e arrosaes; mas esse dia chegou enfim. Os parentes dos noivos reuniram-se nas cabanas dos paes d'estes para passarem o dia em folganças, e comes e bebes, e batuques, que somente se interrompiam com os sacrificios ao xina (3) para que fosse propicio a esta união.

Estava-se então no decimo dia da quarta lua depois da das chuvas contínuas (4). O sol tinha-se escondido por detraz da ilha de Jatta, e as trevas cubriam a terra com o seu manto negro, se a lua não estivesse sobre o Chime no meio d'um céu puro e sereno, que se illuminava de seus raios, os quaes caindo sobre extensas toalhas de agua, e florentes campinas, tingiam estas de azulado, e prateavam aquellas de brilhantes palhetas, que reproduziam milhões de luas em luzentes e bulliciosas miniaturas; ao mesmo tempo que se espalhava pela immensidade uma terna e suave melancolia, que somente sabem apreciar as almas virgens e os corações bem formados.

A nossa bajude era dotada de uma d'essas almas, tinha-lhe caído em sorte um d'esses corações. Sempre que podia, vinha á porta contemplar este quadro, que via pela ultima vez no seu estado de solteira; e pensando na felicidade que a esperava, e sorrindo á lembrança dos bellos dias que a sua imaginação lhe fiava de rosa e ouro, chorava de saudade pela sua cabana, pela sua xina, pelas amigas da sua idade, e até pelas arvores do seu sitio, que ia deixar, que ia trocar por uma cousa que não sabia bem o que fosse.

—Perdoe que o interrompa n'esse bello pedaço de poesia, que d'antes se chamaria sentimental; o que faço não para suscitar uma questão, mas para defen-

(1) Os pobres costumam, em vez de lenha, mandar bosta seca. O mesmo se pratica em Cabo Verde.

(2) Tambores. Isto e os lingueirões (concha do marisco d'este nome) são os instrumentos musicos dos papéis.

(3) Tem uma extensa significação: umas vezes é o fetiche ou deus da tribu; outras meramente domestico, e outras um simples amuleto pessoal. Sacrifica-se-lhe n'estes dous casos um bocado de comida, ou algumas gotas de bebida, que se entornam pelo chão em sua honra.

(4) O mez d'agosto em que por espaço de trinta dias chove quasi sem interrupção de dia e de noite.

der alguns amigos meus que se não delectam na contemplação da lua, e que nem por isso merecem ser arrebanhados com essas almas de canto, e corações disformes, incapazes de qualquer sentimento nobre. É verdade que a contemplação da lua, a melancolia nervosa, as lagrimas sem causa, e os suspiros vagos fazem o encanto da nubilidade e da adolescencia, assim como os bollos, os rebuçados e as bonecas fazem as delicias de todos os meninos; mas por isso mesmo não sei com que direito os mais lambazes e cubicosos d'estes seriam offerecidos á turba pequenota por modêlo digno de imitação, o que deveria fazer-se para proceder-se com logica, já que se faz isso a respeito dos amadores da lua.

De todos os corpos que compõe o systema planetario é a lua o que menos merece as nossas admirações; e estou convencido de que lh'as não concedem, só se for em grau mui infimo, o pensador, o philosopho e o astronomo. Que ella influa sobre um coração ainda ôco, que falle a uma imaginação vaporosa, que domine uma cabeça extravagante, não me atrevo a negal-o; mas fóra d'esta gente, só por um sentimento machinal, que a intelligencia, o espirito e a alma condemnam. Nada mais direi.

—Tem razão. No que disse fui impellido por essa inclinação que leva o selvagem a entoar hymnos a esse astro, que do alto dos céus allumia suas furtivas digressões atravez das planicies, e por entre os outeiros arborizados, para a cabana dos seus amores; ou as marchas silenciosas pelos bosques para cair de improviso sobre a aldeia de seus inimigos; ou para fazer uma espera ao objecto de seu odio. Mas eu fallava de selvagens, contava seus costumes, suas impressões, e seus defeitos; parece-me portanto que não mereço grande censura se me deixei dominar por idéas analogas, (1) a que me tem habituado uma larga residencia no meio d'elles. Continúo, pois, a minha historia; e deixemos a lua em paz.

(Continua .

J. M. SOUSA MONTEIRO.

A QUESTÃO DO ORIENTE.

IV.

O gabinete ottomano, auxiliado pela mediação das potencias occidentaes, e pela justiça da sua causa, e firmeza e dignidade do seu proceder, havia saído honrosamente da questão dos refugiados. Não tardou porém muito que a Austria e a Russia lhe movessem novas querellas, por quanto o que ambas reconhecidamente pretendiam eram pretextos d'agressão.

A Austria foi a primeira a pôr-se em campo, apresentando ao divan pretensões tão absurdas sobre dous portos do Montenegro, a que se dizia com direito, que bem deixava ver o alvo a que se dirigia. A exigencia foi levada a ponto de ameaçar o imperio ottomano com o rompimento de hostilidades. Entretanto acudiu a diplomacia em soccorro do sultão, e graças aos seus esforços accomodou-se a desintelligencia, cedendo a Austria dos seus caprichos. Mas apenas esta saiu da lice, outro campeão se apresentou, e por tal modo atirou a luva, que fóra cobardia recusar-lhe combate.

A maneira por que o imperador Nicolau levantou

(1) Com effeito, os povos selvagens, e n'isso parecem-se com as pessoas moças, amam apaixonadamente a lua. É a claridade de seus raios que fazem as suas danças, e maiores divertimentos

querella á Turquia desde logo deixou antever a gravidade dos acontecimentos que se preparavam. E além d'isso algumas circumstancias anteriores ao começo d'esta desintelligencia punham á luz do dia as intenções do czar.

Antes porém de entrar no desenvolvimento de tão importante questão, convém dizer alguma cousa sobre os logares santos, que forneceram á Russia o pretexto para as suas exigencias.

Desde o schisma, que separou os gregos da communhão catholica, tem existido entre aquelles e os latinos uma contenda perenne ácerca da posse dos logares santos em Jerusalem, em Bethlem, e em Nazareth. Em quanto se conservou poderoso o imperio grego do oriente, os sultões protegiam alternadamente uns e outros, segundo o estado das suas relações politicas com o imperador de Constantinopla e com os soberanos catholicos. Quando este imperio perdeu pelos effeitos de uma progressiva decadencia toda a sua valia e consideração, passaram os latinos a ser mais favorecidos na Syria. Mas assim que Mahomet II destruiu aquelle imperio, apossando-se de Constantinopla, reservou toda a protecção para os gregos, então subditos seus.

Desde essa epocha ficaram os latinos mui desfavorecidos, valendo-lhes todavia as boas relações, que existiam, e que se conservaram por largos annos entre a França e a Turquia. Valeu-lhes de certo essa circumstancia para não serem inteiramente desapossados e perseguidos, achando-se todas as outras nações catholicas em guerra aberta com os tureos, ou impotentes para dar força ás suas queixas, e valor aos seus pedidos.

Em 1536 conseguiu Francisco I de França fazer um tratado com Salimão I, no qual, entre muitos artigos relativos a commercio, navegação, jurisdicção de consules, e troca de escravos, se estipularam varias clausulas em abono dos christãos do rito latino relativamente á posse dos logares santos. Em 1740, reinando em França Luiz XV, e na Turquia Mahmoud I, celebrou-se entre estes dous soberanos outro tratado, que rectificava as disposições do primeiro concernentes aos latinos. Porém tanto um como outro eram pouco explicitos sobre a questão de direito, não decidindo quaes santuarios pertenceriam aos gregos e quaes aos latinos. Por conseguinte as disputas entre os dous ritos em vez de cessarem tomaram ainda maior corpo, julgando-se os latinos auctorizados com a prioridade da posse, e com as estipulações d'aquelles dous tratados, e os gregos reputando-se fortes pela diuturnidade da possessão, e pelo auxilio do governo, que resolvia de ordinario as pendencias em favor dos ultimos.

Quando os exercitos victoriosos de Catharina II impozeram á Turquia, vencida e humilhada, o tratado de Kainardji (21 de julho de 1774), obteve aquella soberana pelo artigo 4.º d'este acto o protectorado sobre certas e determinadas igrejas gregas dos dominios ottomanos. Nos seguintes tratados, e principalmente pelo de Adrianopoli (14 de setembro de 1829), a troco do qual Mahmoud II salvou a sua capital do poder dos russos, conseguiu o gabinete de S. Petersburgo dar mais alguma extensão áquella regalia.

Desde então o czar, auctorisando-se com o que chamava protectorado da França sobre os catholicos do oriente, principiou a trabalhar assidua e mais abertamente no grande plano de arrogar a si, como chefe da igreja grega orthodoxa, uma protecção, que era a verdadeira supremacia religiosa sobre todos os subditos do sultão, que seguem aquelle rito.

Sir Robert Peel, antevendo as consequencias de semelhantes projectos, aproveitou, como habil politico, a occasião de celebrar-se em Londres o tratado de 13 de julho de 1841, que poz termo á questão turoo-egyptica, e que foi assignado pelas cinco grandes potencias conjuntamente com a Turquia, para introduzir n'elle algumas clausulas tendentes a acabar com essas proteções individuaes, e a crear um protectorado exercido collectivamente por todas as ditas potencias.

A França porém, ainda cheia de desconfiança para com a Inglaterra pelo curso das negociações a respeito do Egypto, julgou ver n'este arranjo mais uma intenção hostil á sua influencia no oriente, do que uma péa aos planos ambiciosos da Russia. Levado d'esta idéa, e tambem instigado pelo partido ultrareligioso, cujo apoio buscava, o gabinete das Tulherias não tardou a começar de novo as suas diligencias em favor dos christãos do rito latino no oriente. Um acontecimento que ahi teve lugar em 1846 veio proporcionar ensejo e pretextos para se dar a essas diligencias um caracter mais serio e importante.

Achando-se os gregos de posse da parte da gruta de Bethlem, onde nasceu Jesus Christo, os latinos, dizendo-se os primeiros possuidores d'este santuario, collocaram n'elle uma estrella de prata com uma inscripção latina. A estrella foi roubada, e os latinos, accusando os gregos, invocaram a protecção da França. Pouco depois reclamava o embaixador francez em Constantinopla não só a reposição da estrella, mas além d'isso a restituição aos latinos de doze santuarios, cuja posse litigavam, entre outros as igrejas de Santo Sepulchro e de Bethlem, uma parte do jardim contiguo a esta ultima, e o túmulo de Nossa Senhora.

Já se vê que semelhante exigencia era de natureza muito grave pelos conflictos, que, se fosse attendida, necessariamente haveria de produzir entre os gregos e latinos, mas ainda mais pelas complicações estrangeiras, que não podiam deixar de sobrevir.

O divan, reconhecendo as difficuldades da questão e o melindre das circumstancias, recusou-se a annuir: porém a França não desistiu do empenho.

A revolução de 1848, derrocando o throno de Luiz Philippe, e creando uma nova ordem de cousas, abalou por tal modo o corpo social, que em breve se reconheceu a necessidade de se ir apertando todos os laços, que o desencadeamento das paixões tinha rompido ou alargado. N'estas circumstancias não podiam os homens de estado deixar de recorrer ao espirito religioso, como um dos mais poderosos elementos, que é, para uma reorganisação social. O governo francez recorreu pois, e com bom resultado, ao poder da religião, mas procurando por diversos modos augmentar-lhe o prestigio e a influencia, ao mesmo tempo que chamava o clero ao seu partido, foi, talvez, um pouco mais longe do que o pediam os verdadeiros interesses da França e da Europa, pois que renovando com muito vigor as negociações relativas aos logares santos, foi collocar a Porta n'uma posição desvantajosa para com a Russia, ao passo que abria vasto campo ás pretensões usurpadoras do czar.

Em quanto o embaixador francez apertava vivamente o divan para obter a solução, que desejava, os gregos representavam contra as reclamações da França, e protestavam com energia contra qualquer accordo tendente a esbulhal-os dos seus direitos e regalias.

Vacillava o gabinete ottomano no meio de tão encontrados interesses, e com muita mais razão vendo

atravez da opposição dos gregos uma influencia estrangeira a obrar activamente, movendo em seu serviço o fanatismo religioso. O general Aupick, que representava a republica franceza, propoz então, para arrancar o divan das suas hesitações, a nomeação de uma commissão mixta para examinar as pretensões e queixas apresentadas por cada um dos ritos.

O divan acceitou promptamente a proposta; porém, tratando-se de compôr a commissão, nomeou entre outros M. Aristarchi, conselheiro do patriarcha grego. Esta escolha foi-lhe dictada, sem duvida, por uma duplicada razão de politica, mas o embaixador francez protestou contra ella, dando-o por suspeito como juiz e parte na sua propria causa.

Começou pois a commissão os seus trabalhos sob maus auspicios; e em quanto se occupava de examinar os documentos, que lhe haviam sido submittidos, chegou a Constantinopla uma carta autographa do imperador Nicolau para o sultão, na qual reprovava o proceder do governo ottomano, e se apresentava como protector da igreja grega. Em consequencia d'esta carta, para de algum modo satisfazer o czar, foi a commissão dissolvida, e nomeada outra composta de ulemas e funcionarios ottomanos.

O fim d'aquella missiva era chamar a si a decisão da contenda, e tanto assim que, vendo frustrada a sua tentativa, propoz ao governo francez de tratar com elle o czar, na qualidade de chefe da igreja grega, sobre os pontos controversos, para depois ser imposto ao sultão o accôrdo entre ambos convencionado.

A simples annuencia da França a semelhante convite implicava o reconhecimento tacito, mas solemne, por parte d'esta potencia, do protectorado que a Russia pretende exercer sobre todos os subditos gregos do sultão. O governo francez teve bastante illustração para não se deixar cair no laço. Recusou-se pois a tratar, declarando que não reconhecia competencia para taes negociações senão na Porta ottomana.

Cheio de cuidados e receios pelas complicações que de momento para momento vinham aggravar a questão, fazia o divan os maiores esforços para lhe procurar termo. Levado d'este desejo propoz que todos os santuarios fossem possuidos em commum pelos diversos ritos christãos. Este arbitrio porém desagradou a ambas as partes. Sendo rejeitado unanimemente, principiou a nova commissão os seus trabalhos.

No fim de largas discussões, que consumiram bastante tempo, apresentou a commissão o seu parecer acompanhado de um extenso relatório em que se pezavam os direitos e razões de uma e outra parte. Segundo este parecer devia o grande templo do Santo Sepulchro ser commum a todos, e a capella designada pelo nome de *pequena cupula* ficaria pertencendo aos gregos, visto possuírem-na ha muito tempo em virtude de firmans do sultão. Quanto ao santuario, que encerra o tumulo de Nossa Senhora, entendia que se admittissem os latinos a celebrar n'elle os officios divinos, pois que haviam sido expulsos d'ali, ao passo que os gregos, os armenios, e os proprios musulmanos tinham livre ingresso. A esta concessão, porém, punha-se a condição de não se fazer mudança alguma no interior do santuario, e de levarem os latinos comsigo, apenas acabassem os seus officios, todos os objectos do culto concernentes ao seu rito. A respeito da igreja de Bethlem julgava a commissão que devia ser conservada aos gregos, que a possuíam desde muitos seculos, embora fosse construida pelos latinos, permittindo-se comtudo a estes ultimos franca entrada na capella subterranea, onde teve lo-

gar o nascimento de Jesus Christo. Para este fim deveriam dar-se aos latinos uma chave da porta principal do templo, e duas chaves da porta, que do altar-mór conduz para a referida capella. A commissão resolvia ainda outros pontos da questão, mas estes que ficam designados eram os principaes.

Conformando-se o sultão com este parecer, e annuindo a França ao arranjo proposto, respondeu aquelle soberano á carta do imperador Nicolau nos termos do dito parecer, e de modo a sustentar os seus direitos e dignidade; e em seguida publicou um firman, que mandava executar todas aquellas disposições. Mas apenas chegou á Terra Santa o vice-chancellor do divan, encarregado da execução d'ellas, levantou-se tal opposição da parte dos gregos, que, não podendo vencer esta resistencia, recorreu ao governo. Presistiu este na resolução tomada, e determinou, além d'isso, que se fizesse á sua custa uma estrella de prata para substituir a que tinham tirado da igreja de Bethlem.

Não se contentaram os latinos com o modo por que se resolveu a questão, pois que nem todas as suas pretensões foram attendidas, e assim ficaram-se queixando da França, que, na opinião d'elles, sacrificára os seus direitos, apesar de que esta potencia no acto de annuir á transacção resalvou todos e quaesquer direitos, que pudessem resultar dos tratados anteriores.

Os gregos protestaram contra a decisão do governo turco, e a sua exaltação chegou ao maior auge. A Russia, que seguia passo a passo todas as phases d'este conflicto, que ella propria aggravava, pondo em jogo os caprichos do clero, e movendo em seu interesse as paixões populares, fez persuadir os gregos a recorrerem ao protectorado do czar. No estado de effervescencia em que se achavam os animos, comprehender-se-ha facilmente o fervor com que seria abraçada uma tal idéa. Elevando por conseguinte as suas queixas até ao throno do autocrata, os gregos pediram o seu auxilio e protecção.

Alcançára finalmente o imperador Nicolau o que tanto desejava. A França tinha-lhe aberto o caminho para aggreddir a Turquia. Os gregos auctorisavam a aggressão, dando-lhe, á falta de melhor direito, um pretexto plausivel.

Dispostas as cousas d'est'arte enviou o czar a Constantinopla o almirante principe de Menschikoff, encarregado de uma missão extraordinaria junto do sultão.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

VII.

(1513 a 1519.)

Apesar dos contínuos reforços de navios e gente que tomavam o rumo da India, não deixou el-rei D. Manuel de olhar para a Africa, e de fazer apromptar, em 1513, uma armada de 400 velas, entre naus, caravelas e embarcações mais ligeiras, sob o commando do duque de Bragança, D. Jayme, que levava ás suas ordens 2:500 cavalleiros e 18:000 infantes, além da gente do serviço de mar. Saíu a frota de Lisboa a 17 de agosto, tocou no Algarve a 23, e a 28 surgiu no rio de Azamor. Tomaram os nossos esta cidade

no dia 3 de setembro, e em seguida Tite e Almedina, que os seus moradores abandonaram. Coberto de gloria e dos applausos de toda a christandade voltou o duque a Portugal.

Mas já por esse tempo havia chegado a Cochim o novo capitão-mór do mar da India, D. Garcia de Noronha, sobrinho do Albuquerque, e os capitães Jorge de Mello Pereira e Garcia de Sousa, cada um d'elles com uma divisão de seis naus, que serviram de grande auxilio ao governador geral na tomada de Benasterim. Affonso d'Albuquerque, vendo-se desasombrado do poder do Hidalcão, tratou de dar um golpe mortal na frota do calípha. Saíndo de Góá no dia 7 de fevereiro de 1513, aprou a *Adem*, na boca do mar Vermelho, e tentou render esta praça; mas sendo infeliz na empreza, dirigiu-se ao Erithreu, contra o parecer de todos os seus pilotos, e mandou dar uma salva geral em toda a esquadra, porque era a primeira frota da Europa que entrava n'aquelle mar desde o principio do mundo! O successo, porém, não correspondeu á expectativa do illustre capitão; obrigado a invernar na ilha de *Camaram*, fez collocar ali um padrão com as armas de Portugal; e na volta para o Indostão contentou-se em bombardear *Adem*, que se achava muito bem fortificada. Não pôde ter novas da armada do soldão, nem pôde chegar a Suez, mas despachou Ruy Galvão e João Gomes a descobrir Zeila.

Neste mesmo anno de 1513 se suppõe que Pero Mascarenhas descobrira a ilha *Mascarenhas*, hoje chamada de *Bourbon*, e situada a leste de Madagascar. Diversos auctores assignam differentes datas a este descobrimento.

Em 1515 saiu novamente de Góá, com uma esquadra de 26 embarcações, e mais de dous mil homens de combate, o grande Affonso de Albuquerque, dirigindo-se sobre Ormuz, porque faltava esta perola ao seu diadema de gloria, esta joia de tão subido preço como Góá e Malaca, já engastada na corôa do triumphador. Eram os tres emporios do commercio do Oriente que o Cesar da India sujeitava ao sceptro de Portugal. Albuquerque não era só um guerreiro sabio e destemido, e um politico consummado, os navegadores podem contar no seu gremio. Collega de Pedro Nunes nas investigações astronomicas, Affonso possuia muitos conhecimentos nauticos, e poderia ser tão grande almirante como foi general inimitavel. Falleceu a bordo da sua nau, á vista de Góá, a 16 de dezembro de 1515, voltando da conquista de Ormuz, e quando já ia a caminho da India o novo governador Lopo Soares, inimigo pessoal de Albuquerque. Seu corpo foi amortalhado no manto da ordem de Santiago, de que era commendador.

Lopo Soares d'Albergaria levou consigo ao Oriente treze navios e 1:500 combatentes de Portugal, e instruido, logo que chegou a Góá, dos preparativos navaes que se faziam em Suez, largou com 47 navios na direcção do mar Roxo; era esta esquadra a mais numerosa que até então os nossos haviam apresentado n'aquelles mares! E foi destruida pelos temporaes, separando-se em grupos que arribaram a differentes portos, sem ter feito mais do que expugnar Zeila. Ainda, em 1518, tentou Albergaria outra expedição, sobre Ceylão, com mais felicidade do que tivera no mar Roxo; e voltando a Cochim encontrou ali Diogo Lopes de Sequeira, seu successor, a quem entregou o governo da India, voltando a Portugal muito rico, dizem alguns historiadores.

Em 1515 morreu, devorado pelos indios, nas margens do Prata, o seu descobridor João Dias de Soliz,

habil piloto portuguez ao serviço de Castella. Aquelle rio chamou-se por muito tempo *Soliz*, do nome do infeliz navegador.

Ao anno de 1516 se attribue a descoberta da *Cochinchina* por Duarte Coelho, fidalgo portuguez, que ali deixou um padrão de posse; e desde então se tornou muito geral a navegação dos nossos para Siam e as Molucas.

No periodo de que tratámos, merece especial menção como navegador o illustre *Fernão Peres d'Andrade*. A sua trabalhosa vida passou-se quasi toda no Oriente; o seu nome apparece, a cada passo, estampado gloriosamente nas chronicas da epocha. Já em 1506 o encontrámos ao lado de D. Lourenço de Almeida, distinguindo-se na abordagem da frota do Camorim. Em 1512, capitaneando 17 velas nos mares de Malaca, ganha uma memoravel batalha naval contra Pate-Onuz, chefe de noventa embarcações, guarnecidas com muita gente de peleja, enchendo de terror as nações do Oriente, por uma lucta das mais espantosas que os portuguezes sustentaram n'aquellas partes. Depois de muitas acções, em que patenteou sempre, a par da valentia e da intelligencia, a lealdade e desinteresse do homem probo, saíu *Fernão Peres de Malaca*, no mez de junho de 1517, para descobrir a China. Capitaneava uma armada de quatro naus, e tres juncos malaios. As primeiras eram do porte de duzentas toneladas, aproximadamente, cada uma; o capitão-mór commandava a *Espera*, *Pero Soares* a *S. André*, *Jorge Mascarenhas* a *Santiago*, e *Simão de Alcaçova* a *Santa Cruz*. Os tres juncos conduziam a *Jorge Botelho*, *Manuel de Araujo*, e *Antonio Lobo Falcão*. A 15 de agosto avistou a ilha de *Tomão*; tinha diante de si esse famoso imperio do *Cathay*. Diz-se que já ali achára outro portuguez, o mesmo Duarte Coelho que descobrira a *Cochinchina*. Soffrendo com paciencia as dilacões dos mandarins, depois de um furioso temporal que lhe arrasou as naus, pôde conseguir, ora contemporisando com as auctoridades chinezas, ora mostrando-lhes resolução, ancorar enfim no desejado porto de *Cantão*, e entabular relações de amizade e commercio com aquelle paiz. Depois d'uma demora de quatorze mezes e meio, e tendo feito visitar diversos portos da China por *Jorge Mascarenhas*, voltou a Malaca, aonde a sua chegada foi da maior utilidade, pelo apuro em que se achava a praça, e aportando á India no anno de 1519, regressou d'ahi a Portugal com prospera viagem.

Depois, consta-nos que em 1521 fôra commandante de um galeão, na armada que conduziu á Italia a infanta D. Beatriz, a *menina e moça* de *Bernardim Ribeiro*; e até 1535 que o achámos commandando em chefe uma frota de sete naus da India, nenhuma outra noticia temos d'este valente navegador e guerreiro. Em 1544 apparece o mesmo nome de *Fernão Peres d'Andrade* como sendo o do capitão-mór da armada de cinco velas que n'esse anno passou á India... Seria ainda o velho explorador do *Cathay*? Nada podemos accrescentar de interessante e positivo a seu respeito.

Ainda no anno de 1519, passou á India um intendente da fazenda, politica e justiça, independente do governador; era elle o doutor Pedro Nunes, que capitaneava uma nau da esquadra de *Jorge d'Albuquerque*; e n'essa mesma frota ia um formoso galeão, commandado por D. Luiz de Gusmão, fidalgo hespanhol. Em quanto este castelhano, desertando do serviço de Portugal, se fazia pirata, (facto extraordinario e unico, de um navio de guerra convertido em pirata—diz o almirante *Quintella* vejâmos como, pelo mesmo tem-

po, um portuguez, desgostoso da sua patria, servia com fidelidade el-rei de Castella.

FERNÃO DE MAGALHÃES.

... no feito, com verdade,
Portuguez, porém não na lealdade.

CANÇÕES.

Poucos navegadores tão corajosos e inteligentes, como este portuguez, abrilhantam a historia da marinha, de todos os tempos e de todos os paizes. Descontente d'esta terra em que via

Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao rei e á lei servem de muro.

Mal avaliado pelo seu rei, a quem servira, como guerreiro e como piloto, na India, na exploração de Malaca, e nas praças d'Africa, desnaturalisou-se de portuguez, e achou na Hespanha a consideração que os seus conterraneos lhe não davam. Carlos V, monarcha digna de comprehender Magalhães, deu-lhe cinco navios, e ampla auctoridade sobre elles e suas tripulações, com o grau de capitão general da esquadra, e a cruz de Santiago, para ir buscar o caminho das Molucas pelo sul da America, entendendo que d'essa fórma ficavam pertencendo á corôa de Hespanha aquellas ilhas, aonde já haviam chegado os portuguezes pela volta do cabo da Boa Esperança, apesar de comprehendidas no quinhão de Castella, segundo a celebre concordata do papa Alexandre VI.

A 10 de agosto de 1519 saiu a armada de Sevilha. Fernão de Magalhães capitaneava a nau *Trindade*, levando por piloto Estevão Gomes, e contra-mestre Francisco Alvo, todos portuguezes. João de Carthagená commandava a *S. Antonio*, e eram seus pilotos o astrónomo André de S. Martin e João Rodrigues Mafra, portuguez. Da nau *Conceição* era commandante Gaspar de Quezada, piloto o portuguez João Lopes de Carvalho, e mestre João Sebastião del Cano. Da *Victoria* era capitão Luiz de Mendonça, e piloto Vasco Gallego; e na *Santiago* ia por commandante, e piloto-mór da esquadra, João Serrano. O total da gente que embarcou para tão atrevida expedição eram 237 homens, dos quaes muitos portuguezes; e com estes se achou o capitão-mór para abafar a revolta de alguns castelhanos. A armada seguiu em direcção a Tenerife, e d'ahi foi avistar a costa do Brazil, entrou no Rio de Janeiro, depois no rio da Prata, onde julgou encontrar canal para o mar do sul; mas perdida esta esperança, continuou a navegar ao longo da costa, sem achar o desejado caminho para a outro oceano, que Balbôa descobrira das montanhas da America; até que encontrando já muito frio na latitude de 50 graus, resolveu o capitão-mór invernar na bahia de *S. Julião*. Ali rebentou a conspiração tramada por varios capitães hespanhoes, a qual Fernão de Magalhães puniu severamente. Gaspar de Quezada foi esartejado, Luiz de Mendonça morto ás punhaladas, e João de Carthagená desterrado n'aquelle paiz, com um clérigo, tambem culpado na revolta. Alvaro de Mesquita, sobrinho do capitão-mór, tomou o commando da nau *S. Antonio*. A *Santiago* perdeu-se no rio de *Santa Cruz*, ao sul de *S. Julião*, mas salvou-se a gente. Deixando enterrados alguns homens da expedição, mortos de frio, seguiram as quatro embarcações para o austro, e a 21 de outubro descobriram os cabos das *Virgens* e do *Espirito Santo*, que formam a bôca do estreito, ainda hoje

chamado de *Magalhães*. Estava realisado o pensamento querido dos navegadores d'aquelle seculo; a passagem de um para outro oceano, atravez do novo continente, tinha sido enfim encontrada! E ainda era um portuguez, seguido de muitos conterraneos seus, posto que a soldo de rei estrangeiro, quem assentava esse outro marco miliario das navegações europeas, e que se dirigia a fazer a primeira volta á roda do mundo, completando a grande obra da nossa gloria maritima, começada na passagem do Bojador, e continuada na volta d'Africa pelo cabo das Tormentas até ao mar Roxo, na exploração da Asia desde o golpho Persico ao mar do Japão, na descoberta de tantas ilhas da Oceania, na tentativa dos Corte-Reaes para acharem ao norte o caminho que Magalhães vinha agora de encontrar ao sul, na fundação de um imperio na India, na pesquisa do Brazil, que veio a ser outro emporio muito maior, e na conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, China, Japão e Australia.

Tendo navegado cincoenta leguas pelo estreito, viram que o canal se dividia em dois braços, e foi a nau *S. Antonio* a explorar o do sul; porém não voltou. Jeronymo Guerra, thesoureiro da esquadra, de combinação com Estevão Gomes, que fôra piloto da *Trindade*, e que ambos se achavam agora a bordo da *S. Antonio*, conseguiram sublevar a guarnição da nau exploradora, e carregando de ferros o capitão, Antonio de Mesquita, voltaram pelo mesmo caminho, aportando á Hespanha em março de 1521. Magalhães seguiu seu rumo ao longo da terra do Fogo, e a 26 de novembro desembocou, com os tres navios que lhe restavam, no mar do sul, a que deu o nome de *Pacifico*. Engolphado n'aquelle novo oceano, o illustre navegador descobriu successivamente muitos grupos de ilhas, até que, por seu infortunio, foi dar ao archipelago, que chamou de *S. Lazaro*, e que hoje tem o nome de *Filippinas*. Ahi pereceu, combatendo valorosamente contra os indios, na ilha de Matan, a 27 de abril de 1521, e com elle o astrónomo S. Martin e o portuguez Christovão Rebello.

Por morte do ousado capitão foi eleito general da esquadra outro portuguez, Duarte Barbosa, cunhado de Fernão de Magalhães, o qual logo em 1.º de maio foi traçoeiramente envenenado na ilha de Zebu. Este Barbosa é o auctor de um livro de viagens, concluido em 1516, e impresso em 1813, na *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, onde descreve minudamente a costa oriental d'Africa, a Arabia, a Persia, a India, Malaca, estreitos e ilhas da Oceania, e China, logares que elle havia percorrido, em companhia dos seus patricios.

Ainda um terceiro portuguez tomou a capitania mór d'aquelle armada; foi o piloto João Lopes de Carvalho, eleito pela marinhagem. Já então restavam com vida apenas 115 homens, dos 237 que embarcaram em Sevilha! Resolveram queimar a nau *Conceição*, por não terem gente para tripular mais do que a *Victoria* e a *Trindade*; e chegando á ilha de Borneo, foi deposto João Lopes do commando supremo, e nomeado em seu lugar o meirinho e alferes-mór da armada Gonçalo Gomes de Espinosa. A 8 de novembro chegaram a Tidore (Molucas) com 2 annos, 2 mezes, e 28 dias de viagem de Sevilha, e ahi ficou a concertar a nau capitanea.

A *Victoria*, commandada pelo mestre João Sebastião del Cano, começou a sua viagem para a Europa em 21 de dezembro de 1521, tocou nas ilhas de *Malua* e *Timor*, e dobrando o cabo da Boa Esperança,

chegou finalmente a S. Lucar de Barrameda no dia 7 de setembro de 1522, tendo dado uma volta inteira á roda do mundo, com quatorze mil leguas de navegação. Como haviam partido pelo occidente e voltado pelo oriente, contavam um dia de menos; e diz-se que ainda hoje nas ilhas Filipinas se conserva essa differença no calendario. Nem toda a gente sa-

be que existe um meio seguro e simples de augmentar ou diminuir o numero de dias da vida? A esses lembramos o processo facilimo de uma viagem á roda do globo, começando pelo nascente ou pelo poente, conforme quizerem accrescentar ou encurtar a existencia, aparentemente (1).

F. M. BORDALO.



HESPAÑIA — ANTIGA COLLEGIADA DE SAR.

Tres tradições disputam-se a origem da collegiada de Sar, sem duvida um dos templos mais antigos que existem em Santiago, e mesmo na Galliza: uma é a tradição popular; outra a tradição religiosa; a ultima a tradição historica.

O povo diz que serviu de casa professa áquelles frades, que se fizeram guerreiros á voz de Balduino, rei de Jerusalem, e que pereceram martyres sob o pontificado de Clemente V.

Os crentes asseguram que esta igreja é a piedosa homenagem ao apostolo Santiago prestada por um bispo de Mondonhedo, que perseguido e precipitado do Pico-sacro, cêrca de Compostella, saíra de tão terrivel salto são e salvo de um modo milagroso.

Os criticos affirmam que o ultimo bispo e primeiro arcebispo de Santiago, D. Diogo Gelmirez, fundára a igreja de Sar. Em apoio da sua opinião citam a *Historia compostellana*, na qual se lê que Gelmirez erigira uma igreja pequena e muito pobre nas margens do Sar. *Ecclesiolum pauperrimam et parvam in litore Saris fundatam.*

Seja como for, o que não parece admittir duvida é que este edificio pertence ao seculo XI ou XII.

A fórma da igreja, pela sua distribuição interior e gosto de architectura bysantina, é igual a outra da mesma cidade intitulada S. Pedro de Fóra, cujos restos foram demolidos modernamente.

O local que occupa a antiga collegiada, que é o

formosissima veiga banhada pelo Sar, corresponde ao sitio onde esteve o corpo do filho de Zebedeu, antes de ser enterrado por seus discipulos em *Libredion* ou *Liberum donum*, hoje Santiago.

A nossa estampa representa um dos lados do claustro inferior, amostra primorosa do estylo bysantino.

No mesmo claustro se conservam alguns sepulchros, que foram abertos e estragados pelos francezes em 1808. N'um d'esses sepulchros pode todavia ainda ler-se a seguinte inscripção:

HIC IACET BERNALDUS ARIC GONDAM
CANONICUS COMPOSTELLANUS QUI OBIIIT III NONAS MAI
SUB ERA MC CCC XXVIII

Se os louvores, quando verdadeiros e comedidos, são até uteis e proveitosos; é certo que podem ser muito prejudiciaes, quando filhos de baixa adulação, exagerados, ou de todo destituídos de verdade.

(1) A rotação diurna da terra no sentido do occidente para o oriente, combinada com o giro do viajante á roda do globo, n'esse mesmo sentido ou no inverso, explica a diminuição ou augmento de uma revolução apparente do sol, ou, o que é a mesma cousa, de um dia, ao cabo da volta dada em torno do mundo. Quem estudou os principios da astronomia nautica não acha novidade n'este assumpto, mas tambem não é a esses que nos dirigimos.